

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR: AMADEU A. MORAIS — 4-2-77 — SEMANÁRIO — N.º 2339 — ANO 45 — PREÇO 4\$00

editorial

FALAR ou ESCREVER

Por VIRGILIO LACERDA

Por mais que se busque e rebusque por mais que se lancem aos quatro ventos convites virados S.O.S., para que todos ajudem e contribuam, minucioso o trabalho duns tantos que são os eteros carolas e em cujas costas assentam as responsabilidades e trabalhos das coisas da nossa terra, é como malhar em ferro frio.

Nas mesas dos cafés ou nos bancos dos comboios, há soluções para tudo. Alvitram-se ideias; criticam-se situações, individualidades e obras; com o maior desplante deste mundo mimimizam-se a capacidade e a seriedade de pessoas dignas do maior respeito. etc., etc. Mas, na prática, as palavras saem efémeras e irresponsáveis e tudo fica tal como estava.

É preciso fazer, é preciso trabalhar e não adianta andar com uma lanterna à procura ou à espera de «espontâneos». Nem mesmo rogando se consegue alguma coisa. A resposta, tergiversada, lá soa sempre a mesma: não tenho tempo ou não posso por isto ou por aquilo, razões nem sempre válidas, salvo na medida em que já se sabe que são simples subterfúgios de quem se esquivava a responsabilidades.

Tudo isto vem a propósito de que pessoa responsável da «Defesa de Espinho», invocando necessidade de pluralidade de prosa, recorreu aos habituais colaboradores para uma maior assiduidade.

Cá cumprimos, não sem que contudo e uma vez mais afirmemos (que nos desculpe o sr. Director) que a «Defesa de Espinho» está aberta a todos os espinhenses, indiferentemente de ideologias políticas ou religiosas, desde que o seu texto não desmereça e obedeça à directriz do

próprio Jornal. A simples indicação do seu autor, nos condicionalismos apontados, é quanto basta para a sua publicação.

Na mesma medida em que em colóquios ou simples reuniões de amigos se defendem princípios e ideias, porque não preferem essas pessoas

perfilhá-las publicamente através da «Defesa de Espinho»? Claro que é mais fácil falar particularmente, em grupos de amigos, do que com a sua assinatura marcar uma posição, tomar pública responsabilidade, que não se pode depois ocultar ou desmentir. Esta é a grande diferença. Por isso mesmo, talvez, a razão porque muitíssimos falam e tão poucos escrevem.

Assistimos em nossos dias ao fenómeno sintomático de atribuímos a expressão aparentemente vazias de conteúdo, uma compreensão nova, actual e pertinente.

Primeiro viver, depois filosofar, com propriedade se poderia aplicar a despeito da amplitude de desacordos políticos, hoje talvez menos latentes, mas sempre reais, entre ocidentais e marxistas.

Enquanto os primeiros tiveram enorme dificuldade em aceitar que os factores sócio-económicos desempenham um papel essencial no desenvolvimento dos antagonismos políticos; que os factores técnicos, tal como o grau de equipamento, condiciona sempre o nível de vida, nível de vida este que condiciona por sua vez as lutas políticas.

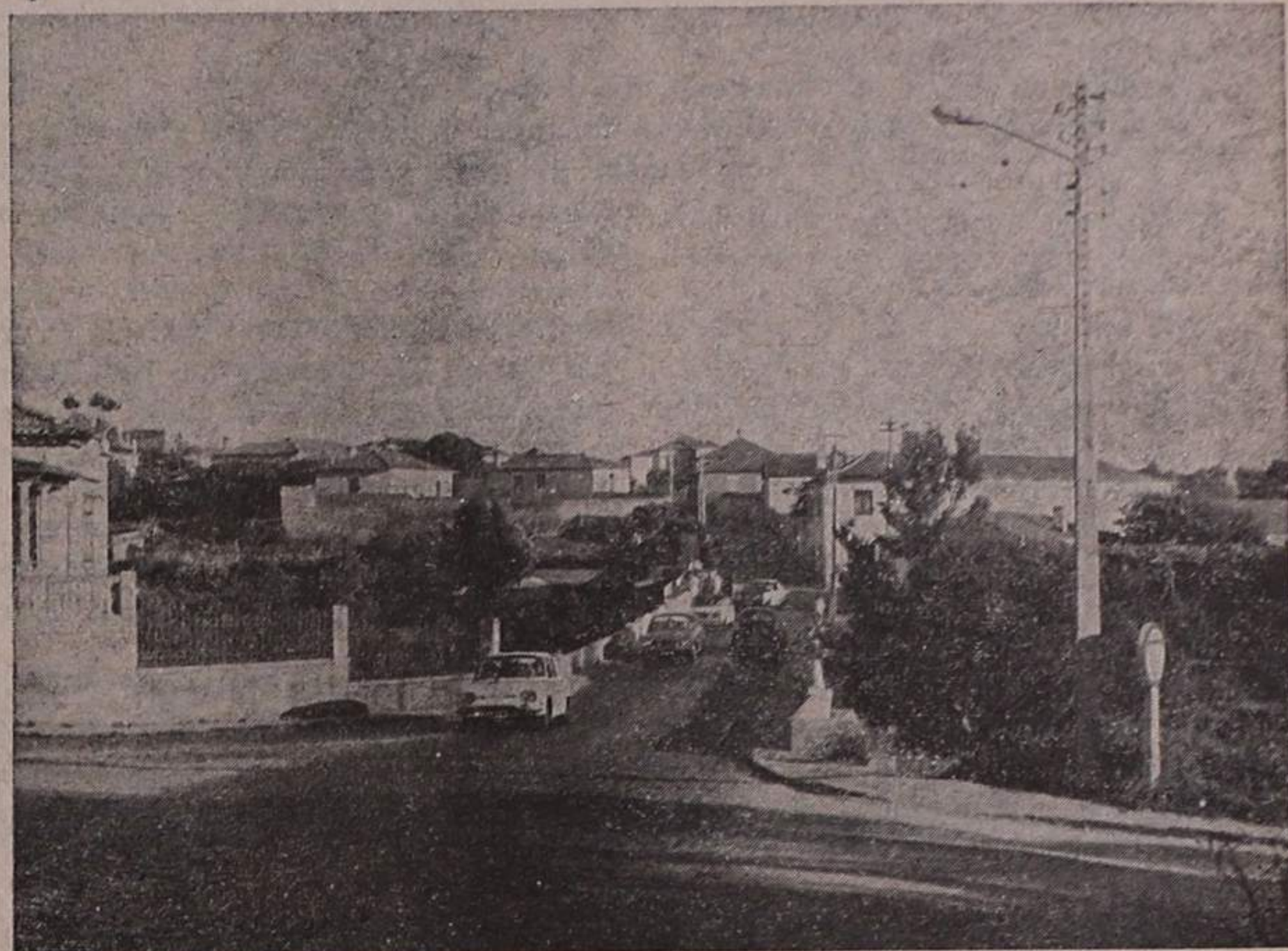
Por seu lado os marxistas não têm dúvida em dar ultimamente muito

mais importância aos factores culturais. Não desarmam é certo, em afirmar que os factores culturais se mantêm secundários em relação aos factores sócio-económicos, pelo menos numa fase primária do desenvolvimento humano. É provável que marxistas e ocidentais subestimem a influência dos sistemas de valores: as crenças desinteressadas, os ideais, os grandes desígnios, desempenham um papel político fundamental, que parece mesmo, a julgar, à medida que a elevação do nível de vida permite a todos os homens libertarem-se do PRIMEIRO VIVER, para aceder ao DEPOIS FILOSOFAR.

Este erro é comum às duas doutrinas: une-as mais do que as separa.

Ocidentais e marxistas não têm certamente a mesma visão global da política. Mas uns e outros já não imaginam universos radicalmente di-

Enquanto a variante à E.N. n.º 109, não aparece, a Ponte d'Anta, é a única saída da Cidade para o Norte. Além de não permitir um trânsito seguro, está, positivamente, em condições de segurança duvidosa. Ou se dá andamento à variante ou se pensa em dar segurança à arcaica (e estreita) ponte. URGENTEMENTE! JÁ!



PRIMEIRO VIVER, DEPOIS FILOSOFAR

Por J. FONSECA

versos, sem medida comum. Dora-vante as semelhanças existem entre as suas respectivas concepções são quase tão fortes como as diferenças. Aparentemente — cada um dos dois mundos desenvolvidos — LESTE e OESTE — está irreductível nas suas posições, sem possível conversão de uma ou de outra parte. Entretanto uns e outros parecem caminhar para o socialismo, por um movimento duplo: liberalização a Leste e socialização a Oeste.

Que este duplo movimento choque com enormes obstáculos, que seja naturalmente moroso, que comporte inclusivamente um sem número de retrocessos, é provável. Mas parece irresistível.

Naturalmente, e tal como acontece nas pessoas, cada país vê melhor a evolução do outro do que a sua.

Ficamos sem saber, após análise pormenorizada e confronto de programas qual será a mais difícil e mais lenta, se a Liberalização a Leste, se a Socialização a Oeste.

Nesta primeira — liberalização a Leste, registamos aqui a célebre máxima dum sociólogo francês — Maurice Duverger — quando afirma: «Toda a evolução económica e técnica impede que a marcha do comunismo para o socialismo democrático possa ser efectivamente impedida».

Pensamos que são os Países do Terceiro Mundo que irão acelerar ou refrear esta marcha. Acreditamos, isso sim, que as nações proletárias se lançarão um dia, também no caminho do socialismo democrático. Nenhuma hipótese de conjunto pode ser efectivamente formulada, quanto ao comportamento das nações subdesenvolvidas. Há pressupostos que nos arriscamos a apresentar: O Terceiro Mundo não poderá modernizar-se pela via capitalista. Os seus países não dispõem de capitais internos suficientes. Os capitais estrangeiros não serão aí investidos nas nações proletárias a não ser que aí tenham vantagem, isto é, sob forma de empresa de tipo colonial, explorando esta ou aquela riqueza natural excepcional, sem se preocuparem com o equilíbrio geral do país. Todavia, deixar os capitais estrangeiros criar empresas deste género, durante um certo tempo, e em seguida nacionalizá-las, pode ajudar imenso ao equipamento dos países subdesenvolvidos os quais utilizam muitas vezes esta técnica, na medida em que as

empresas não dominem os seus governantes, por intermédio de polícias ou militares. Este tipo de investimento estrangeiro, em nosso entender, está mais do que ultrapassado, pois a época em que as coisas eram ditadas exclusivamente por computadores deixou malefícios para não mais ser repetido como processo.

Há quem pense que as estruturas dos países proletários não são de molde ao bom funcionamento da democracia e desenvolvimento das liberdades. O Socialismo do Terceiro Mundo será necessariamente autoritário. A escolha limita-se finalmente ao grau de autoridade e à forma do socialismo.

Não aceitamos, longe disso, que a via mais brutal seja sempre a via mais eficaz. O modelo chinês, mantém-se contestável a este respeito.

Modelos, não os há. Pode imaginar-se, e mais até do que isso, um socialismo menos violento, desenvolvendo algumas liberdades políticas, que constituiria uma primeira etapa para o socialismo democrático.

Uma única coisa parece certa: a convergência das evoluções do Leste e do Oeste para o socialismo democrático, marchando os países do Terceiro Mundo no mesmo sentido, apresenta, um flagrante desnível. As diferenças de cultura e de tradições, são demasiadamente profundas para desaparecerem inteiramente num dia: as novas estruturas nunca abolem completamente os sistemas de valores

(Continua na pág. 4)

CORTAR O QUÊ?

Por J. A. GODES

Há um ror de tempo que ouço (ouvimos) aquelas pessoas que se convencionou chamar responsáveis, dizerem que é preciso reduzir consumos, alterar hábitos alimentares e outros, deixar de importar tantos e tantos artigos, passar a exportar mais,

produzir cá muito do que actualmente nos vem de fora.

E aqui d'el-rei que as divisas se esgotam, e ó da guarda que as re-

servas estão a dar o berro, e aí Jesus que se agrava o déficit, e virgem Santíssima que a bancarrota está à porta, e meu Deus do Céu valei-nos que a miséria espera-nos!

Fora de brincadeira afirmo que acredito que todas essas visões pessimistas e todos esses agouros catastróficos correspondem a um balanço realista da nossa situação.

E sei-sinto que é preciso mudar de vida, que é preciso dar solução ao problema, corrigir erros, percorrer novos e melhores caminhos.

Reconheço que o diagnóstico está correcto.

O país está doente, sabe-se qual é a doença, conhece-se-lhe a etiologia (= parte da medicina que estuda a causa das doenças).

Pois então, bolas (bolas tem cinco letras) para os médicos (uma data deles, todos muito doutrinários, a concordarem com o nome da maleita, com a origem da maleita, com a evolução da maleita, com a provável-curta-duração do doente), que sabem tudo a respeito da doença e do doente menos a maneira de vencerem aquela e de curarem este, menos os remédios a aplicar, menos a terapêutica a empregar.

Ou então, se sabem como curar o doente, com trinta e seis mil milhões de bichanos ratazanos safardanos, por que não o curam?!

(Continua na pág. 4)

A propósito da inauguração da rua Cidade de Espinho, em Vila Real

DO VEREADOR CAMARÁRIO, SR. ANTÓNIO ALBERTO ALVES, RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA:

Espinho, 28 de Janeiro de 1977

Exmo. Senhor Director do Jornal «Defesa de Espinho» Espinho

Solicitando a V. Ex.ª o favor da competente publicação no próximo número desse Jornal, de que V. Ex.ª é ilustre Director, cumpre-me informar que tendo sido incumbido pela Câmara Municipal de Espinho de sua apresentação no acto de descerramento duma placa com o nome de «Cidade de Espinho», numa das artérias da cidade de Vila Real, por circunstâncias fortuitas e imprevistas e alheias à minha expressa vontade, não me foi possível comparecer no lugar da cerimónia na hora determinada.

Posteriormente, junto de elementos da Comissão organizadora da confraternização, dei desempenho à transmissão de cumprimentos da Câmara de Espinho à Câmara de Vila Real, fazendo entrega duma missiva de que era portador e explicando e apresentando desculpas pela minha impossibilidade de comparência no acto de descerramento da citada placa. Grato pela sua atenção apresento a V. Ex.ª os meus cumprimentos.

ANTÓNIO ALBERTO ALVES

AOS NOVOS ASSINANTES

Para conhecimento dos nossos estimados assinantes vimos informar que, futuramente, iremos proceder à cobrança da assinatura até ao fim do corrente ano e não o total de um ano como era costume.

Tal medida tem como finalidade a uniformização dos nossos serviços de cobrança que virá a ser feita sempre no princípio de cada ano civil, e que julgamos também ser do interesse dos assinantes.

Aos nossos assinantes no estrangeiro solicitamos o favor de mandarem liquidar os seus débitos com a urgência possível.

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO

As opiniões, alvites, críticas, etc., contidas nesta secção, são de inteira responsabilidade de quem as subscreve e não são, necessariamente, coincidentes com as do Jornal.

A DISCORDÂNCIA VEM DO BRASIL

Caros amigos:

Só hoje recebi a «Defesa» do dia 3 de Dezembro.

Nela vem um artigo intitulado «Tempo de Meditação» referente à morte de um professor e à homenagem prestada pelo Liceu, suspendendo as aulas e colocando a bandeira a meia-haste. E o articulista lamenta a paralisação das actividades do Liceu, «só» por isto. E termina: Aconteceu. Em Espinho. No Liceu.

O autor do artigo demonstra bons conhecimentos de português e maus conhecimentos dos portugueses. Pela forma de escrever ele foi aluno de algum colégio, liceu ou faculdade, mas deve ter sido daqueles alunos que nunca tiveram a menor consideração por aqueles que lhes transmitiram ensinamentos e cultura. Ensinamentos e cultura que talvez o tenham ajudado a vencer na vida.

Aconteceu em Espinho, porque Espinho é uma cidade civilizada e onde a totalidade da sua população ou pelo menos todos menos um, têm sentimentos nobres e respeito pelos educadores.

Além do mais, querer vilipendiar a homenagem prestada foi uma enorme falta de humanidade para com a Família enlutada.

Não acredito ser a vida só matéria, mas mesmo o sendo, sempre existirá para a Família, além da saudade e recordação do ente querido. E essa modesta homenagem pode ter minorado um pouco a dor desses familiares.

Aconteceu. Em Espinho. No Liceu. Sinal de que Espinho, por seu Liceu, soube mostrar o quanto lamentou a perda daquele que ajudou a fazer mais homens cultos para o nosso querido Portugal.

Aconteceu. E por isso a minha homenagem a quem, por um dia, fez interromper as aulas para reverenciar um professor falecido.

Tenho a certeza de que por motivos menos justificáveis, as aulas devem ter sido mais de uma vez interrompidas. Mas desta vez houve um motivo bem forte.

Faço votos para que o autor do artigo dure muitos e muitos anos para, com o tempo, aprender o quanto essas homenagens são justas. Não só aí, como em muitas outras cidades civilizadas.

Um grande abraço do amigo velho cá do Brasil

Lopo Marques

NOTA DA REDACÇÃO

Costumadamente, respeitamos todas as opiniões, mesmo, ou sobretudo, se contraditórias das nossas. Contudo, como permissão, exigimos, a quem as emite, que não deturpe, por erro, propósito ou demagogia, as ideias que defendemos ou veiculamos. Muito menos toleramos que, balofamente, nos pretendam dar, com presunção e água benta, pretensas lições de nobreza de sentimentos e de civilidade.

Guarde o sr. Lopo o seu manual de boa educação e sentimentos e que lhe faça muito bom proveito. E, entretanto, lá de longe, sem saber quanto se passa por cá, não se entretenha a fazer análises, com óptica distorcida pela distância (*deturpando e entrando na exploração fácil de um sentimentalismo piegas e de um bairrismo para dar nas vistas*), a crítica que visava ser construtiva e, além disso, veiculava reclamações pertinentes de pais de alunos.

O sr. Lopo não pode — e no caso vertente devia saber — o caos atingido por este país em consequência do absentismo injustificado, ou justificado pelos mais inconcebíveis motivos, às tarefas do quotidiano. E, então, no sector escolar chegou-se a extremos deploráveis, que só há bem pouco começaram a ser travados, pelo que as coisas principiaram a entrar nos eixos e não pode haver precedentes. De resto, sr. Lopo, um país não se reconstrói (*e o nosso está de tanga ou de pernas ao ar*) sem trabalho em todos os sectores, quando é tempo de trabalho.

Talvez ousássemos perguntar ao sr. Lopo, e mais à sua preocupação lamechas, se ele imagina quantos alunos terão aproveitado o feriado para acompanharem o professor à última morada? Se, até, terá ido a maioria? Se, pelo menos, foi uma minoria significativa?

Oh, sr. Lopo, os seus nobres sentimentos sofriam um baque!

Recordamos, sr. Lopo, parte das nossas afirmações «Portanto, finara-se mais um cidadão. Acabara a sua peregrinação terráquea mais um ser humano. Um entre milhares que, diariamente, tombam.

Facto banal, ainda que doloroso e, por certo, merecedor do maior respeito. Respeito, naturalmente, muito mais acentuado entre aqueles que, intimamente, privaram com o professor.

Até aí, tudo perfeitissimamente compreensível.

Mas, a morte de um professor, de um cidadão, de um ser humano, fez parar, totalmente, um dia de aulas no Liceu. Centenas de alunos viram a sua actividade interrompida, pura e simplesmente.

Entretanto, a bandeira nacional subiu no mastro do estabelecimento de ensino, ficando a meia haste.

Um professor, por muito respeito que mereça — e mereceu-o ao articulista, como se pode ler e só na mente do sr. Lopo, a pensar com o coração e não com a massa cinzenta, teremos vilipendiado a homenagem, — não pode, por via da sua morte, fazer parar um Liceu. E não pode (e quanto a isso também não restam dúvidas), pois há regras fixas, fazer subir a bandeira nacional a meia haste.

Bonito seria — e agrádecidos ficaremos, sr. Lopo, se nos indicar os países civilizados e prenhes de bons sentimentos em que isso seja prática corrente — que pela morte de um professor fosse normal parar todo o labor de um estabelecimento escolar; pela morte de um operário, toda uma unidade fabril; pela morte de um empregado administrativo, todos serviços de uma câmara, de uma companhia de seguros, de um banco; pela morte de um ministro, todo o ministério ou o país.

A todas as horas, então, o país, paralisaria em muitos e muitos sectores.

Não é falta de sentimentos, sr. Lopo. (E cabe dizer-lhe, já que não conhece o articulista, que sempre soube respeitar além dos seus mestres, toda a gente). É a realidade. Tudo o resto é pieguices folhetinesca, lamechas, dum sr. Lopo a poetizar lá de longe, entretendo-se a deturpar a

(Continua na 7.ª pág.)

UM CONJUNTO MUSICAL ESPINHENSE EM BOLANDAS

«Top Group Show», conjunto musical que tem vindo a actuar de maneira brilhante no Grande Casino de Espinho. Conjunto espinhense, que não se torna enfadonho, para que se serve dele como divertimento, pois tem-se preocupado, ao longo do tempo, em modificar, constantemente o seu repertório. Aliado a isto, possui excelentes executantes musicais, que fazem do «Top Group Show», um conjunto agradável para todas as idades. Era já do nosso conhecimento, que o «Top Group Show», iria integrar no seu seio o nosso bem conhecido Zé Guirra, o que lhe traria um acentuado melhoramento musical, pois Zé Guirra é um excelente músico e possui uma voz maravilhosa.

Tudo nos levava a crer, que neste ano de 77, o Grande Casino de Espinho nos tivesse para oferecer um «Top Group Show», creditado de excelente valor. Mas, na realidade, esta hipótese esfumou-se...

Todavia, para informarmos os nossos leitores, do que se passa lá pelos bastidores do Casino de Espinho, fomos contactar com o responsável pelo «Top Group Show», o Zé Maria, que nos foi esclarecendo, sem que para isso houvesse, um rígido interrogatório.

Zé Maria, foi-nos falando do conjunto do qual ele é o responsável, desde a sua formação e esclareceu:

— O «Top Group Show», estreou-se, como conjunto, em 31 de Dezembro de 1974 no Hotel Praia Golfe. Neste mesmo hotel, o nosso conjunto fez a noite de Passagem de Ano e a noite de Carnaval.

No ano de 1975, candidatamo-nos a fazer a época de Casino, em Espinho, mas fomos afastados devido às «cunhas». Porém, decorridos apenas 41 dias, após a abertura do Casino, fomos solicitados a ingressar no Casino e aceitámos. Se tínhamos sido afastados, devido às «cunhas», e se a administração do Casino tinha lá metido conjuntos que não eram da terra e, nós, como conjunto da terra foram afastados, não éramos coerentes se aceitássemos tal proposta então.

Em Dezembro de 1975, o «Top Group Show» entrou, finalmente, para o Casino de Espinho. Empenhamo-nos em e ao comprar uma aparelhagem musical, para bem servir o nosso conjunto, os outros conjuntos e o próprio Casino de Espinho. O Casino encerrou em 31 de Dezembro, o que nos deu certas «dores de cabeça», para cumprirmos com as «letras respeitantes à aparelhagem. Como se sabe, uma aparelhagem musical custa muitas dezenas de contos...

E, o Zé Maria, continuou, com a sua dissertação franca, falando-nos, agora, da época de 1976:

— Fomos contactados para actuar no Pavilhão do Académico do Porto, no Carnaval 76 e logo fomos metidos «entre a espada e a parede», pois, ou fazíamos o Carnaval no Casino de Espinho, ou não entrávamos mais nele. Acedemos ao Casino, porquanto tínhamos que atender à necessidade de ganhar um emprego duradouro, para podermos acabar de pagar a aparelhagem.

Assim, a partir de 25 de Fevereiro de 1976, passamos a actuar no Grande Casino de Espinho, como orquestra de variedades, de baile e fazendo, alternado com outro conjunto, as «matinées» de domingo, no Salão Nobre. Cumprimos, assim, até 30 de Novembro de 76, altura em que recebemos uma ordem de serviço determinando, que o «Top Group Show» passava a actuar como conjunto de atracção.

Como o conjunto estava preparado para variedades, sofreu um certo abalo. Mas não esmorecemos e continuamos a trabalhar com afinco, com o sentido fixo de agradar ao

O «TOP GROUP SHOW» diz adeus ao Grande Casino de Espinho

público, que se servia de nós como divertimento. Público este que é, na sua maior parte espinhense!... Público da terra em que estamos inseridos.

Agora, Zé Maria fala-nos do triste presente e explica:

— Em 4 de Janeiro de 77, carregamos com a aparelhagem e viemo-nos embora do Casino. Entretanto, ficaram no Casino três «dissidentes», que não são profissionais da música e só um deles é espinhense.

Assim, fomos afastados de trabalhar, três profissionais da música, espinhense, que serviam a empresa com aparelhagem e garantiam vencimentos mensais de 15 000\$00, a cada um daqueles que, pelas costas, nos «apunhalaram».

Zé Maria fez uma pequena pausa, mas, logo, de seguida foi-nos falando do futuro:

— Mas, o «Top Group Show» não pára. Eu e os meus dois colegas — Zé Ferreira e Nando Manuel — já obtivemos o concurso de quatro bons músicos, com quem contamos para fazer uma época de 77, com «show».

Estamos a preparar-nos para o Carnaval 77, pois temos duas propostas. Uma para actuarmos no Hotel Praia Golfe e outra para actuarmos no Porto. Fomos também convidados a actuar em Oliveira do Bairro (terra onde já actuamos em 76, com Zé Guirra integrado no nosso conjunto) em datas a combinar.

E muito mais nos disse o responsável pelo «Top Group Show», na sua exposição franca e objectiva. O resto ficará para outra oportunidade, pois foi-nos dado saber muita coisa do que se passa lá pelos bastidores do Grande Casino de Espinho.

A nós, público, resta-nos somente lamentar, que o «Top Group Show» não faça parte do elenco do Grande Casino de Espinho, na época de 77, e, em sua substituição, esteja um Grupo 4, que ficará muito aquém daquilo que todos nós desejamos e que o Casino nos tem obrigação de oferecer. Repudiamos, ainda, que no Casino permaneça, mais uma vez, um conjunto do Porto, que durante um ano inteiro teve para nos apresentar sempre o mesmo repertório e, muitas vezes, se dá ao luxo de actuar com os músicos sentados, sem o mínimo brio profissional, chegando a dar PEQUENOS INTERVALOS DE MEIA HORA. Repudiamos ainda que permaneça no Casino um conjunto espanhol, que vai levando as divisas que tanta falta nos fazem!... Não haverá conjuntos em Portugal?

Será que o Casino estará somente empenhado na exploração?... Conjuntos com poucos músicos, baratos, actuando de qualquer maneira e um conjunto espanhol, como cabeça de cartaz, servindo de «caça de salvação» é o que o Casino de Espinho nos quer apresentar este ano. Vale a pena gastar-se 69 000 contos, num novo Casino, para se apresentarem destes atractivos?!

Nos estatutos da «Solvede» existe, e muito bem, dada a finalidade da Empresa, um cláusula, que dá amparo às instituições cá da terra. «Top Group Show» é um conjunto da terra, que já deu provas bastantes do seu valor! Não merecerá este conjunto o justo carinho e o preciso apoio, que ele mesmo e afinal justifica?

ZÉ FERNANDO SANTOS

CARTAS AO DIRECTOR

Espinho, 28 de Janeiro de 1977
Ex.º Sr.

Foi-me sugerido que o caso que me afectou bastante, me leva pela primeira vez a recorrer, caso assim o entenda, a providenciar no sentido de ser publicado no jornal Defesa de Espinho o referido.

No dia 2 do mês corrente, minha esposa foi atacada por uma trombose ficando paralizada do braço e perna direita sendo logo transportada no automóvel de um familiar ao Hospital de Espinho. Ali, assistida nas urgências por uma médica a qual depois de a examinar recomendou que a levasse para casa repousando e que, no dia seguinte, procurasse um médico, nada medicando nem especificando o mal que a tinha atacado.

Como visse que o mal teria de ser atacado não esperei pelo dia seguinte, dirigimo-nos ao consultório e residência do doutor José Brandão na Rua 14, n.º 1 044 desta cidade, pedindo-lhe o favor do seu parecer o qual se negou dizendo que também tinha direito às suas regalias, alegando em seguida que estava comprometido a sair com seus familiares, e negando-se mesmo a pôr os olhos a um ser humano que se encontrava estendido dentro do carro e o qual necessitava de socorro médico. Pelas 5 horas da madrugada do dia 3, notei que algo se passava com a minha esposa vindo a verificar que tinha sido atacada pela segunda vez visto que já tinha dificuldade em falar, e prevendo o pior foi pedido a comparência do Dr. Neurologista José Castro Lopes, do Porto, o qual compareceu tendo-lhe feito o exame necessário e medicando, dizendo que era necessário ser internada e que no dia seguinte lhe falasse para o Hospital Santo António para ver se era possível o seu internamento ali. No dia seguinte fomos informados pelo referido que não havia vagas, tanto no pavilhão como nos quartos motivado pela explosão dias antes naquele hospital e que se queríamos que tomasse conta de minha esposa a levasse para a Ordem Terceira de S. Francisco o que assim aconteceu. Tenho ventilado o caso a várias pessoas, são do parecer que o acontecido não pode deixar de ir para o jornal desta cidade. Minha esposa encontra-se de regresso, em casa de meu genro, para recuperação.

Domingos Correia Sá e Santos, assinante do jornal Defesa de Espinho, pedindo desde já desculpa pelo incomodo e pela má redacção.

Obrigado — Joaquim Mendes Coelho — Reformado da C.P.

	defesa de ESPINHO	SEMANÁRIO
	FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS	
PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.		
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525		
Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»		
TIRAGEM MÉDIA 2.500 EXEMPLARES		

JOSÉ DO COUTO SOARES

(ZÉ ROLA)



1.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua família manda celebrar missa na próxima quarta-feira, dia 9, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, na Póvoa de Grijó, pelas 9 horas, e na Igreja Matriz de Espinho, pelas 19 horas.

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Dia 4, Sexta-feira — O GENDARME DE SAINT TROPEZ, com Louis de Funés e Genevieve Grad — Para maiores de 10 anos.

Dia 5, Sábado — SOLDADO AZUL, com Candice Bergen e Peter Straus — Para maiores de 17 anos.

Dia 6, Domingo — O RELÓGIO, com Philippe Noiret, Sylvain Rougerie — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 8, Terça-feira — BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS, com Jane Birkin, Bernardette Lafont — Para maiores de 18 anos.

Dia 10, Quinta-feira — A HONRA DO REGIMENTO, com Mitchel York, Christopher Lee — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CASINO

Dia 4, Sexta-feira — A VISITA MARAVILHOSA, com Deborah Berger e Jean Pierre Castaldi — Para maiores de 13 anos.

Dia 5, Sábado — VIRIDIANA, com Silvia Pinal e Fernando Rey — Para maiores de 18 anos.

Dia 6, Domingo — VIRIDIANA

Dia 7, Segunda-feira — A CIDADE DO CRIME, com Gloria Hendry e Tony King — Para maiores de 18 anos.

Dia 9, Quarta-feira — A PRESA, com Analia Gade e Jean Sorel — Para maiores de 18 anos.

Dia 10, Quinta-feira — A RAPARIGA DA ORQUÍDEA, com Alida Vair e Bruno Cremer — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Sábado — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Domingo — Farmácia Santos — rua 19 n.º 63 — Telef. 920331
Segunda-feira — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Terça-feira — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Quarta-feira — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Quinta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Emergência	115
Bombeiros V. Espinho	920005
Bombeiros V. Espinhenses	920042
Hospital de Espinho	920327
Centro de Enfermagem de Espinho: dia 921587 - noite 922329	
Praça de Táxi	920010
Posto Médico da Previdência	920664
Centro de Saúde de Espinho	921167
Câmara Municipal de Espinho	920020
Serviços Municipalizados	920040
P. S. P.	920038
G. N. E.	920035
Correios	920335
Abade de Espinho	920621
Auto-Viação Espinho	920323
Estação C.F.	920087

«DEFESA DE ESPINHO»

Preços de Assinatura Anual	V. Aérea	V. Normal
Portugal Continental e Ilhas Adjacentes ...		200\$00
Angola e Moçambique ...	498\$40	254\$80
Austrália, África do Sul, Rodésia, U.S.A. e Venezuela ...	530\$40	312\$00
Brasil ...	457\$60	254\$80
Alemanha e Luxemburgo ...	353\$60	312\$00
Espanha ...		254\$80
França ...		312\$00
Columbia ...		312\$00
Macau ...		312\$00

HORAS DE EXPEDIENTE: De segunda a sexta-feira das 14,30 às 19,30 horas e aos Sábados das 9 às 12,30 horas

BAILES DE CARNAVAL

PISCINA DE ESPINHO

SABADO, dia 19; SEGUNDA-FEIRA, dia 21 — As 22 Horas

O tal do «Vólei»

CONJUNTOS: MEDUSA (Português) — LOS DANDY'S (Espanhol)

Marcações: Casa Vitó — Rua 19, Espinho

Venda de bilhetes: Sede do Sporting de Espinho

* As marcações respeitam-se até ao dia 18, às 19,00 Horas

Organização Conjunta do SCE/AEE

REQUERIMENTO À HIERARQUIA COMPETENTE

Por JOSÉ M. MAIA

A ideia não é nossa, mas merece a nossa aprovação. Além de inovação curiosa é uma necessidade presente. Há que lhe dar a devida repercursão.

É por demais conhecido, neste momento, que as freguesias estão, sectorialmente, divididas por lugares. Alguns, vêm ruas da cidade entrarem por si dentro, sem que até lhes peçam licença! Vão mesmo, a pouco e pouco, furtando-lhes o seu nome original, implantando o seu número e denegando a sua tão genuína configuração. Assim é na rua 33, 45, 62, 20, etc. A cidade, está dia a dia, a abrir os «seus braços», a esticar as «suas pernas» e a erguer o «seu pescoço», para Norte, Sul, Nascente e... (ia a dizer Poente, imaginem! Se sua Ex.^a

O MAR soubesse? — não que nós não estamos na Holanda!). Silvalde e Anta, mais a segunda, são, por isso, consideradas freguesias dentro da cidade, sendo como, é óbvio, parte integrante dela. Recentemente, foram eleitos os HOMENS NOVOS, e com eles virão por certo IDEIAS NOVAS, poderiam bem aproveitar esta (ideia), visto revestir-se do maior interesse para as populações em causa, e criar uma mais desmistificada organização e administração do Concelho.

NOMES OU NÚMEROS NAS RUAS DAS FREGUESIAS. Requeremos, não pelas vias hierárquicas, à hierarquia competente, por via da competência.

Silvalde, freguesia que viu nascer a ideia, poderá dar o exemplo, com esta inovação criadora e preciosa, em terras da «besourada». Há que consultar a carta topográfica, reunir pessoas e lugares, encontrar soluções ideais, e... mãos à obra.

Esperamos, que não se sirvam da inovação, para «cavalos de batalha», mas, sim, para um melhor conhecimento e acesso a quem nos visita, para acabar com a pergunta de sempre: «Ó tio onde fica o coiso?». As pessoas consultariam as placas indicativas, e veriam facilitado o seu trabalho de identificação. E o nosso bem conhecido sr. carteiro, daria um «UFF!» de alívio, acompanhado dum «até que enfim!». C'os diabos, já chega de andar a tocar à gaita, ir à loja lá do sítio, perguntar quem é a sr.^a Maria Alves da Cunha, e ouvir dizer que é a «Ti Maria da Quinta». Portanto, ficamos à espera que seja deferido o requerimento: nomes ou números nas ruas, e porque não, nas casas!

Uma medida acertada, que merecerá a aprovação da sensatez e da «dona» facilidade. Ficamos pois à espera, que o espevito e lucidez dos homens, dêem cobertura A IDEIA e, desde já, honras ao seu dono.

ASSIM VAI A CIDADE

COMEÇO DO PODER LOCAL?

Por decreto-lei publicado no Diário da República de 29-1 ficam as Câmaras libertas da renda, aquisição, construção e reparação dos edifícios destinados à instalação dos serviços das contribuições e impostos e das teourarias da fazenda pública, bem como mobiliário, água, luz, aquecimento e telefone, que ficam a cargo do Ministério das Finanças.

FALECIMENTOS

PARAMOS

— Rosa Rodrigues de Oliveira, de 77 anos, viúva de Manuel Pereira de Castro.

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE ESPINHO DE 24-1-77 A 31-1-77

Internamentos Gerais	46
Exames Radiográficos	134
Crianças Nascidas	14

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Oftalmologia	7
Otorrino	5
Ortopedia	2
Cirurgia Geral	7

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	233
Mulheres	199

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Fernando Oliveira Gomes Pomba
Manuel Ferreira Mendes
Alberto Costa

FREQUÊNCIA DO PATRONATO DE ESPINHO DE 24-1-77 A 31-1-77

Infantário (de 1 mês aos 2 anos)	143
Jardim Infância (dos 3 aos 6 anos)	511
Temp. Livres (dos 7 aos 12 anos)	90
Total de Crianças	744
Sopas	670
Refeições Completas	340

ATIVIDADES

Pintura, desenho, iniciação de escrita, música, colagem, ginástica, etc.

ESTUPIDEZ E MALDADE

Num dos últimos dias, apareceram alguns «greens» do Campo de Golfe danificados à enxada.

Felizmente o tempo chuvoso permitiu a recuperação do relvado, sem grande prejuízo. Fica, no entanto, saliente a estupidez e maldade de quem cometeu o condenável acto.

PASSAR CHEQUES, É FÁCIL...

No dia 26 de Janeiro, pelas 9,40 horas, o carro patrulha da P.S.P. foi sollicitado pelo Banco Nacional Ultramarino, dado que aí se encontrava um indivíduo suspeito de movimentar cheques, no valor de centenas de contos, sem que tivessem cobertura.

Conduzido para a esquadra aí se verificou tratar-se de Francisco Joaquim Lopes Pereira, de 25 anos e residente em Montemor-o-Novo.

Depois das várias contradições em que caiu durante o interrogatório ao qual foi sujeito, foi entregue com o respectivo processo ao Tribunal da Comarca.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

ACÇÃO ORDINÁRIA N.º 7/76/2.ª

AUTORES: AMÉRICO FERREIRA AMORIM e JOAQUIM FERREIRA AMORIM.

RÉUS: MANUEL DA SILVA LEITE, casado, comerciante, ausente em parte incerta mas com última residência na Rua 8, Casa Linarte — Espinho e Outra.

Cita-se o réu ausente em parte incerta, para contestar o pedido de condenação no pagamento aos Autores, solidariamente com Outra, da quantia de 345.000\$00 titulada por letras,, com juros à taxa de 6 %, desde o vencimento das mesmas representativas de tal montante, e ainda o referido réu, mais a quantia de 1.025.000\$00 também titulada por letras, igualmente com juros à taxa referida, desde o vencimento das mesmas, que tal quantitativo representam, no prazo de 20 dias decorridos 30 dos éditos a partir da 2.ª publicação deste anúncio, e, bem assim, para declarar se confessa ou nega as firmas apostas na respectivas letras.

Espinho, 19 de Janeiro de 1977.

O Juiz Substituto,
Isilda Ferreira Torres

O Escrivão de Direito,
Plácido Maximiano Martins

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ESPINHO

AVISO

Torna-se público que no dia 6 de Fevereiro de 1977, pelas 11,30 horas, no edifício da Associação Comercial de Espinho, sítio à Rua 19, desta Cidade, realiza-se o Acto de Posse da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, para o triénio de 1977 a 1979. Espinho, 1 de Fevereiro de 1977.

A Mesa Administrativa

CANTOR FORA DA «MÚSICA»

Numa taberna da Esplanada, foi, pelas 4 h. da madrugada, feita uma visita de rotina por agentes da P.S.P.

Entre os frequentadores, encontrava-se o cantor-guitarrista Miguel Coelho Gonçalves, divorciado, de 30 anos, residente no Monte Lírio que, ao ser interpelado por um dos agentes, o insultou.

Conduzido à Secção da P.S.P., foi identificado e, no dia seguinte, entregue, com o respectivo auto, ao Tribunal da Comarca.

NOVOS ASSINANTES

Marçal de Oliveira Duarte, Marciano da Conceição Gato, Márcio Júlio Mendes Cardoso, Marcos Alves Monteiro dos Reis, Marcos António de Almeida Beato, Mário Afonso Ascenção Ferreira, Mário Alberto da Rocha Ventura, Mário Augusto Soares de Azevedo, Mário Carvalho e Sousa, Mário da Conceição Nunes D., Mário Fernando da Costa P. da Silva, Mário Manuel de J. Costa Valente, Mário Oliveira, Mário Pinto dos Santos, Mário Rui Moreira Correia Pinto, Mário da Silva Cruz, Mário da Silva Pereira, Maximino Ferreira Leite, Miguel Calheiros Ortigão de Oliveira, Miguel Joaquim de Jesus Cardoso, Moisés Alberto da Silva Barros, Narciso da Costa Patela, Maia da Silva, Nelson Gualter Pais da Costa, Nicolau João Teixeira Azevedo, Noel Lacerda, Nuno Teles Monteiro, Olímpio de Jesus Moreno, Olívio Pereira de Oliveira, Orlando Ferreira e Silva, Orlando Valdez Tomás dos Santos, Oscar Alves Luís Rodrigues, Oscar de Oliveira Lopes, Paulo José de N. Serpa Pinto, Paulo Maria Bastos da S. Dias, Pedro Nelson Gonçalves de Sousa, Pedro Rui Carreira P. de Lima, Pedro da Silva Lopes, Porfírio Alberto de Oliveira R., Porfírio Vicente Gonçalves, Quintino Domingues Maia, Quintino Pedrosa de Oliveira, Ramiro Joaquim Inácio, Ramiro de Oliveira Santos, Ramiro Rodrigues Pereira, Ramiro de Sá Couto, Raúl Ferreira Gonçalves da Costa, Raúl José Ramalho Félix e Reinaldo Gonçalves Frade.

PASSA-SE

MERCEARIA DE VINHOS E POMAR

RUA 15 N.º 575

TELEFONE, 920997

CORTAR O QUÊ?

(Continuação da 1.ª pág.)

Que de médicos são eles?!

Disse de início que se convencionou chamar responsáveis às pessoas que ocupam os ministérios. Pois quer-me cá parecer que já não será apenas convencional chamar-lhe tal coisa: os senhores ministros, secretários e sub-secretários de estado, directores-gerais e tutti quanti são realmente responsáveis pelo estado miserável em que o país se encontra.

Ail e que não nos venham para cá com o fadinho das «pesadas heranças do fascismo e do gonçalvismo», que essa música já não pega!

Nos chamados ministérios gonçalvistas também havia ministros de outros partidos que não eram aquele a que se dizia estar afecto Vasco Gonçalves. O VI governo, mondado dos pretensos culpados pelo descalabro, também se fartou de fazer diagnósticos, promessas, empréstimos e asneiras; o I governo constituicional... é o que se vê e se sabe e o povinho — que de direita e esquerda só conhece as mãos com que trabalha, apenas tem a nebulosa intuição de que — se a Direita pôs criminosamente o país de pantanas, enchendo-se uns poucos, a Esquerda se revela canhestra, inábil e mantém o país de rastos, generalizando a miséria.

Desunida, perdida em guerrinhas de alecrim e manjerona, a Esquerda desacredita-se e faz desconfiar da sua isenção, do seu altruísmo e da sua honestidade, características que sempre entendi como seu apanágio e definição.

Palavra com que frequentíssima-mente — um bate-quebate que já vem dos tempos marcelinos — nos martelam os ouvidos é a austeridade!

A significar frugalidade, abstenção, restrição, privação, sacrifício, corte. Estou (estamos) mesmo a ver o que aí vem!

Porque a cabeça e a barriga não têm juízo nem temperança e se alambazam e atafulham, lá têm os braços e as mãos e as pernas e os pés que pagam as favas!

Mais uma vez — que satânica nora é esta, em que há uns poucos alcaturuzes que estão sempre por cima, cheios a abarrotar, e tantos e tantos e tantos outros sempre por baixo, sempre vazios, que nem pó nem moscas mortas lá caem?! — mais uma vez, dizia, os que mais trabalham, os que menos ganham, os que menos culpa têm, é que vão apanhar as marradas, é que vão sentir no corpo as consequências das asneiras e dos esbanjamentos e dos crimes dos outros.

Lembro-me agora — vão ver que com algum propósito — de uma carta que Eça de Queirós escreveu a um funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, o qual, devido ao facto de o escritor não ter pago qualquer factura, ameaçava «cortar a água» ao autor de «Uma Campanha Alegre».

Este, depois de algumas considerações plenas do seu tão característico humor, ameaçava por seu turno (cito de memória): «Se o Sr. me corta a água, também eu lhe corto a si alguma coisa. O que há-de ser? As tesouras já estão prontas, apenas me resta saber que coisa lhe hei-de eu cortar».

Também eu agora pergunto: que é que os senhores do governo tencionam cortar ao pobre Zé?

Se ele tão pouco tem, se ele já vive com tão pouco, se ele já tanta falta regista, se ele é já tão desprovido até do que se considera essencial, de que tencionam privá-lo?

Pode ele ser ainda mais frugal?

Pode ele abster-se ainda mais?

Pode ele — o Zé de Trás-os-Mon-

tes, das eiras, do Minho, de outras zonas do país — suportar ainda mais restrições?

Pode ele privar-se ainda mais?

Pode ele suportar mais sacrifícios?

Que querem cortar ao Zé?

E — já agora — se o Zé (finalmente) se revoltar, se o Zé (finalmente) deitar a albarda ao ar, se o Zé (finalmente) começar aos coices a quem merece apanhá-los, que é que o Zé há-de cortar a quem o tem montado, a quem o tem sugado, a quem o tem mortificado e sacrificado, a quem o tem feito passar privações, a quem agora lhe quer cortar mais alguma coisa?

Mas o problema está nisto: o que eles querem cortar ao Zé faz ao Zé muita falta.

Mas aquilo que o Zé querará cortar-lhe, não lhes faz, a eles, falta nenhuma.

Há muito tempo que eles são que passarão a ser quando o Zé se empertigar e os cast...igar.

J. A GODES

REMAR CONTRA A MARÉ

Por ARRAIS

TERCEIRA IDADE

Soube com grande satisfação que a Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Espinho, recentemente eleita vai, entre muitos, dedicar-se ao momentoso assunto da Terceira Idade, problema que não tem sido tratado convenientemente até esta data.

Há várias coisas que me afectam sentimentalmente e, entre elas, é ver uma criança deformada fisicamente, triste por não poder brincar, por não poder ter a alegria que as outras crianças são conseguem usufruir e, encontrar na via pública um vélhinho, muitas vezes abandonado pelos próprios familiares, ter que estender a mão à caridade dos outros para conseguir sobreviver.

São dois aspectos da condição humana que me entristecem e que gostaria de ver resolvido.

E, pelo que sei, Espinho não descarta esses assuntos, pois por um lado já temos a CERCIESPINHO a tratar das crianças deficientes e, agora, a Santa Casa da Misericórdia vai tentar remediar o mal daqueles a quem a avançada idade já não permite, com o trabalho, angariar os meios para o seu sustento.

São dois males que vão ter resolução e, para isso, é necessária a ajuda de todos. Não nos devemos sómente consolar de sabermos que outras pessoas vão tentar remediar as carências que nos rodeiam, isso só não chega, temos que nos juntar a eles e trabalhar com eles pois, só assim, os fins serão atingidos.

PRIMEIRO VIVER, DEPOIS FILOSOFAR

(Continuação da 1.ª pág.)

e as mentalidades geradas pelas antigas estruturas.

Assim como os homens não escapam ao passado, as sociedades não se libertam totalmente da sua história. O próprio facto de os marxistas haverem começado em primeiro lugar, pela socialização, desenvolvendo depois a liberalização no quadro

assim criado, ao passo que os ocidentais estabeleceram primeiramente a democracia política, construindo o socialismo depois dela e nela, basta para impedir que o Leste e o Oeste venham finalmente a adoptar o mesmo tipo de regime, embora o processo técnico geral conduza à uniformidade.

Foi sem dúvida uma abordagem,

creio que demasiado superficial, pois há conceitos que ou se clarificam ou então não se utilizam; temos de convir que o assunto é de conteúdo um tanto denso. Prometemos voltar a ele. Até lá fica a ideia de que em política não basta filosofar é preciso viver. PRIMUM VIVERE DEINDE PHILOSOPHARI!

J. FONSECA

EUROSPUMA

Sociedade Industrial de Espumas Sintéticas, Limitada

ESPUMAS DE POLIURETANO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

COLCHÕES — ALMOFADAS

ESPUMAS PARA ESTOFOS — ESPONJAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Avenida Estado da Índia, 4-1.º Piso

SACAVÉM

Telefs.: 2511272 e 2511413

SEDE EM ESPINHO

Telefones PPC 921839 (8 linhas)

Telegrs.: EUROSPUMA

Telex. 2257 FOAM — P.

Apartado 95



DESPORTO



DESPORTOSKÓPIO

A ACADÉMICA DE ESPINHO reunirá, hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral extraordinária, com o fito de começar a estudar a alteração estatutária, e, necessariamente, a sua aprovação, de molde a ganhar novas estruturas capazes de lhe proporcionarem as bases para poder aguentar o seu crescimento actual, por forma a encontrar os caminhos do futuro.

Para lá desse ponto, também se discutirá o pretendido aumento de quotas, pois o Clube, cuja valor da quotização está desatualizado, pretende, por esse meio, arranjar um maior suporte financeiro, passível de lhe minorar as dificuldades, dados os numerosos encargos. Além, de tudo isso, ainda haverá a análise e aprovação de relatórios das secções desportivas que, na assembleia levada a efeito para tal, não tinham sido apresentados.

A assembleia começará ou, melhor, está marcada para as 21 h., todavia «à portuguesa» é crível que não principie a tal hora.

OS «KÁGADOS», cuja louvável iniciativa parece ter sido bastante bem acolhida pela Imprensa desportiva, talvez pelo que, intrinseca e positivamente representa em muitos aspectos, foram apontados como exemplo, com grande destaque, no programa desportivo «ALVO», que vai para o ar aos sábados à noite na Rádio Renascença. Partindo dessa ideia, o articulista (António Batista) lançou um convite para que, mais novos ou menos novos, passassem a imitar os «KÁGADOS» na sua louvável vontade de fazer exercícios físicos. Vencerá este movimento e terá imitadores?

O CONSELHO GERAL DO SP. DE ESPINHO ainda existirá? É que nunca mais se ouviu falar dele e também não consta que, entretanto, tenha feito as reuniões periódicas que determinam os estatutos. Que se passará com aquele órgão dos «tigres»?

UM ENFERMEIRO PARA O POSTO CLÍNICO DO DAA do SCE. De facto, o nosso conhecido Simões Neto é o enfermeiro que passa, juntamente com o Dr. José Carlos Leitão, a assistir aos atletas das actividades amadoras, na recém inaugurada unidade. Actua ali às 3.^{as}, 5.^{as} e 6.^{as} feiras, ao fim da tarde, enquanto o médico vai lá de 2.^a a 6.^a, durante cerca de uma hora, excepto em dias que esteja de serviço de urgência hospitalar.

O DELEGADO DA D. G. D., em Aveiro, estaria para visitar Espinho, segundo informação que nos chegou, de fonte fidedigna, cerca do fim de Janeiro. Janeiro fora e a visita ao centro desportivo mais importante do distrito de Aveiro ainda não se efectuou. Quando será?

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLETISMO deu o sim para que o Sp. de Espinho se inscrevesse no Porto. E a Associação de Desportos de Aveiro avalizou. Finalmente, imperou o bom senso. E o reconhecimento das realidades. A autorização é por uma época, contudo, certamente, o bom senso continuará, atentas às realidades desportivas portuguesas, a posição geográfica de Espinho e a necessidade de não

se cometerem «crimes» de lesa-desporto, em nome de utopias. De resto, entretimentos, há-de aparecer a nova divisão administrativa que fixa Espinho à área metropolitana do Porto e está tudo arrumado definitivamente.

AS GENTILEZAS DE VILA REAL, quando lá foi o futebol do Sp. de Espinho, foram ao ponto de proporcionar a caravana desportista dos «tigres» um repasto-confraternizativo. Segundo sabemos, por parte dos vilarrealeses até esteve naquele a representação camarária. Por parte dos espinhenses, à semelhança do que se passou com a inauguração da Rua Cidade de Espinho, ninguém a representar a edilidade local. Apenas elementos do Sp. de Espinho e da sua Direcção, no tocante a dirigentes. Curioso, não é?

O ACADÉMICO DE ESPINHO vai completar, em breve, 20 anos. A colectividade espinhense que comemorará, especialmente, a efeméride, tem já anunciado, entre outros eventos, o 1.º CONCURSO NACIONAL DE PESCA DESPORTIVA DE MAR. Será dia 3 de Abril.

Além disso, parece que se pretende fazer um colóquio desportivo, trazendo cá um conhecidíssimo e popular treinador de futebol, elemento muito controverso e sempre nas bocas do mundo. Verdade, mentira. Às vezes, sem querer, os ouvidos atentos escutam inconfidências. Mas, fiquemo-nos por aqui.

O VOLEIBOL, INICIADOS, VAI TER TORNEIO INTERNACIONAL. Será nas férias da Páscoa e a organização é do Sp. de Espinho, melhor, do DAA através da secção de voleibol. Para além do Clube organizador, mais duas equipas nortenhas e uma turma espanhola, de Sevilha. Os jovens espanhóis virão cá e, além de jogar, fazem campismo, pois será a maneira saudável como ficarão instalados em Espinho.

O TOTOTIGRE mudou de nome. Agora é o PALPITE. Podia ter sido o PALPITIGRE, mas não. Crismado, também trocou de processos. Agora, para se ganhar, terão de acertar nos 3 resultados da matriz. Se não houver acerto, o prémio não é entregue e acumulará. Difícil, atractivo e pode dar umas massas.

O ATLETISMO FEMININO espinhense vai entrar em fase importante. Uma professora de educação física passa a trabalhar as atletas e, não custa a acreditar que, embora mesmo sem instalações adequadas, daqui a breve trecho tenhamos em evidência as moças do atletismo do SCE.

DOMINGO, às 9,30 h. da «madrugada», os «Kágados» voltarão a ter mais uma sessão. No domingo passado, apesar da chuva, uma dúzia de «valentes» atirou-se à actividade física. O ponto de partida voltará a ser no «Parque João de Deus». E não há limites de idade. Novos ou menos novos têm o seu lugar.

No «TOTOTIGRE» da semana finda, ganhou, com 8 pontos, o silvaldense Luís Laranjeira, que teve o prémio de Esc. 2 720\$00.



ATLETISMO

NO «CORTA-MATO», DE SELECÇÃO 2 JOVENS ESPINHENSES APURADOS PARA LISBOA

Finalmente, depois da longa espera pela integração no Distrito do Porto, o S. C. de Espinho já participou, no passado domingo, nas provas de corta-mato, de organização da Associação do Porto e da D.G.D.

Pois, logo na 1.^a prova, o já consagrado A. Natário, de 10 anos, conseguiu arrancar um excelente 2.º lugar aos mais directos adversários de 11 e 12 anos, e classificar-se, de maneira a ficar apurado para, no próximo domingo, disputar, em Lisboa, o «II Lisboa — Porto — Coimbra» em «corta-mato»; aliás, outro já grande e conhecido atleta, António Leitão cometeu a proeza de levar a palma a difíceis e favoritos atletas do F. C. do Porto e do Foz, ficando, também, integrado na selecção do Porto. Nas restantes provas, há a realçar o comportamento da maioria dos «tigres» que demonstraram boa preparação para a época de pista, que se avizinha.

CORTA-MATO DE SELECÇÃO

1 200 m. — Infantis — (108 atletas)
2.º António Natário, SCE
62.º Joaquim Fortuna, »

1 500 m. — Iniciados — (32 atletas)
11.ª Laura Alves, SCE
20.ª Maria Manuela, »

2 100 m. — Iniciados — (65 atletas)
7.º António Rachão, SCE
14.º José Oliveira, »
15.º Francisco Maria, »
17.º Fernando Maia, »
45.º Edmundo Oliveira, »

5 000 m. — Juvenis — (24 atletas)
1.º António Leitão, SCE
8.º Armando Ribeiro, »
20.º Francisco Rocha, »

CORTA-MATO DE PREPARAÇÃO

8 000 m. — Juniores — (22 atletas)
4.º António Leite, SCE
12.º Belmiro Rocha, »
10 000 m. — Seniores — (25 atletas)
13.º Paulo Malheiro, SCE

P. M.



HOQUEI EM PATINS

«TAÇA DE PORTUGAL»

CARVALHOS, 3 — AAE, 3

A AAE eliminada!

A Académica fez alinhar: Montenegro; Manuel Zé, Rui Azevedo, Rui Lacerda e Alcino; Fidalgo, Amadeu e Oscar.

Com o pavilhão dos Carvalhos praticamente cheio, realizou-se a 2.^a mão da «Taça de Portugal». Um jogo emocionante, com os espinhenses a procurarem levar de vencida o seu opositor, a fim de prosseguirem na



FUTEBOL

NACIONAL DA 2.^a DIVISÃO — Zona Norte

SP. ESPINHO, 1-PAÇOS FERREIRA, 1

Pouca fortuna? Mas, não só...

Os «tigres» perderam o ensejo de se aproximar, mais, do comandante da zona. Os espinhenses terão tido pouca sorte. E pouca sorte, no estado do terreno. A dar vantagem aos pacences. Mais pesados. E, nitidamente, com ideia defensiva porfiada. E reforçada. Reforçada? Reforçadíssima!

Os «tigres» tiveram, pois, pouca sorte. Tiveram. A 6 m. do fim, tinham o triunfo na mão. E deixaram-no fugir. Não por mérito do «leader». Sim, por azar e azelhive da defesa local. Coisas que acontecem.

Os «tigres» tiveram azar. Tiveram. Entrou Vaqueiro para compor o meio campo. E Vaqueiro resentiu-se da lesão e nem aqueceu. Saiu.

Tudo isto é verdade. Como verdade é que os espinhenses dominaram durante 3/4 partes do jogo. E o Paços de Ferreira só equilibrou, assim-assim, o outro 1/4. Também não é mentira que os «tigres», embora comandando, não encontraram maneira, concreta, de vencer a super-defensiva pacence. Nem tiveram muitas tentativas de remates, daqueles que podem dar golos. Mas, o Paços de Ferreira também não teve nenhuma.

Portanto, pouca fortuna e falta de engenho. Falta de engenho para fazer engrenar a manobra colectiva. Que esteve frouxa. E, depois, claro o terreno não ajudava. Dificultava. Aos dois. Mais aos «tigres», por menos fações e melhores tecnicamente.

Todavia, a pouca fortuna e a falta de engenho, não foram tudo. Houve erros. Ou melhor, não apareceram as soluções, pelo menos certas tentativas. É certo que entrou Vaqueiro. Mas, saiu Gonçalves II. E João Carlos em dia não e à rasca com aquele terreno e Meireles, a quebrar fisicamente, como o seu parceiro, estavam a pedir a saída antes do que saíu. Depois Vaqueiro não teve tempo para colmatar o «buraco» do meio-campo. E Gentil, quando entrou também não.

No entanto, quase sempre, apesar de Gonçalves I, em grande forma física e técnica, vir por ali abaixo muitas vezes, a defesa ficava com 4 a marcar 2. É evidente que, agora, é fácil apontar soluções. Mas elas perpassaram pela mente lá, na hora. E, para nós, o adiamento de Gonçalves I, a saída de João Carlos e Meireles, impunham-se. Ou pelo menos de um.

Azar? Sim, mas não só. De resto, o empate que é prémio para ambos, pela palidez exibicional e descoloração do jogo, é, sem dúvida, castigo demasiado para os locais e benesse enorme para o comandante, que se limitou a defender, esperando o veneno do contra-ataque e nunca rematou. Parece um absurdo, mas é verdade.

Os melhores: Gomes, Gonçalves I, Raul, Meireles e Reis; A arbitragem muito certa e sem problemas.

FICHA DO JOGO

Campo da Avenida, tarde de chuva e frio, boa enchente, arbitrou Porém Luís (Leiria) e as equipas alinharam:

SP. ESPINHO — Quim; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Raul; Meireles, João Carlos e Gonçalves II (Vaqueiro, aos 74 m. e depois aos 81, Gentil); Serrão, Reis e Malegueta.

P. FERREIRA — Luz; Zé Manel, Valdemar, Brito e Dema; Hélder Ernesto, José João (Malheiros aos 87) e Marques (Pimenta, aos 74) Ricardo, Canavarro e Telé.

Ao intervalo: 0-0. Marcaram: Reis (84 m.) e Valdemar (88 m.).

Cartões amarelos: Gomes (67 m.) por entrada violenta sobre Telé; Alves (88 m.) suplente visitante por problema com o árbitro.

C. S.

FUTEBOL

«REGIONAL» DE JUNIORES

SP. ESPINHO, 3 — CESARENSE, 0

Muito gente acorreu ao «Avenida», para presenciar este encontro, que opôs as equipas do SCE e do Cesarense.

Tratava-se das duas melhores classificadas no «regional» áveirense, o que, à priori, era um incentivo para um bom e equilibrado jogo. Tal não aconteceu, pois os espinhenses, desde cedo, tomaram conta das operações e, acabaram por vencer, com relativa facilidade, um adversário muito mal preparado fisicamente, embora este tenha posto todas as suas forças em jogo, afim de contrariar as intenções dos locais. Não destacaremos jogadores, no entanto registámos na equipa dos «tigres», alguns jovens promissores, que acarinhados, poderão futuramente ser valiosos nas equipas adultas do SCE.

SCE — Domingos; Rui, Rogério, Afonso e Luís; Mário, Rachão e Alfredo; Jesus, Gonçalves e Sabença. Intervalo: 2-0. Marcou: Gonçalves (3). T. C.

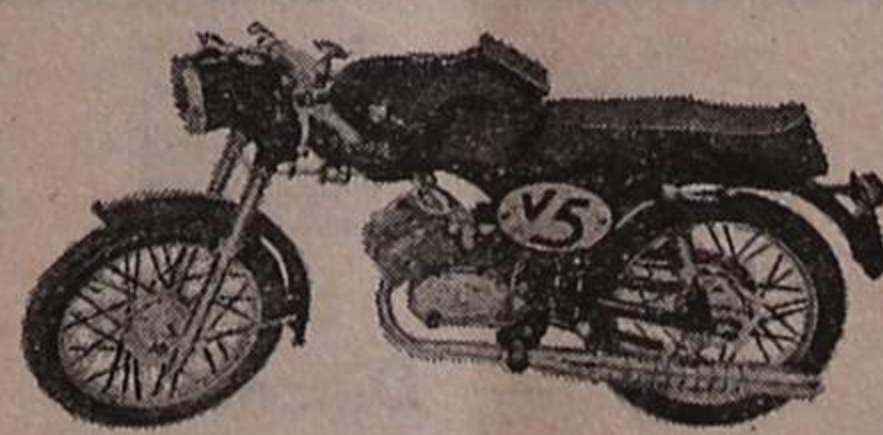
TOTOBOLA

CONCURSO

«ORGÃOS DA INFORMAÇÃO»
Prognóstico da

«Defesa de Espinho»-Desporto
N.º 24-18 FEVEREIRO-77

Boavista - Setúbal	x
Belenenses - Académico	x
Benfica - Estoril	1
Guimarães - Braga	2
Portimonense - Sporting	2
Leixões - Atlético	1
Beira-Mar - Porto	1
Montijo - Varzim	2
Penafiel - P. Ferreira	1
Gil Vicente - Fafe	1
Sanjoanense - Feirense	1
Peniche - E. Portalegre	x
Olhanense - Farense	x



SACHS

RUA 20, N.º 735 — ESPINHO

TIBÉRIO COELHO

diversos**Auto Internacional**

Peças e Acessórios
para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028
ESPINHO

CASA DAS CHAVES

F. S. SILVA

Rua 23 N.º 444-R/C — Espinho
Telefone, 922735

Especializada em consertos e modificações de fechaduras — Mandar fazer a sua chave apenas em um minuto — Cofres portáteis — Fechaduras e Sinais de Alarme, etc.

ELECTRO-BOBINAGEM

— DE —

JAIME PERDIGÃO

Ex-proprietário do Café Parque
Electrodomésticos — Acessórios para instalações eléctricas e todos os consertos

Rua 18 N.º 776 — Telef. 922893
ESPINHO

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zê de Gaia», na Rua 33

CASA LUCIANA — Boutique

Rua 19, n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem, Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

Ciclo Motores de ESPINHO

— DE —

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Rua 20, N.º 735 — Telefone, 920216 — ESPINHO

AGENTES E DEPOSITÁRIOS

Das afamadas marcas

MOTORIZADAS

BICICLETAS

SACHS V5

ÓRBITA

Completo sortido de acessórios para bicicletas e motorizadas de todas as marcas

FERRÁDIO

MARQUES CORREIA PRATAS, LDA.

FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO CIVIL

PREGARIA E FERRAMENTAS DIVERSAS

FERRAGENS PARA CORTINADOS — TINTAS «SOTINCO»

RUA 7, N.º 314 — TELEF. 923401 — ESPINHO

SUPERMERCADO DO LAR

RUA 62, N.º 227 A 231 — ESPINHO

Grande Campanha de Baixa de Preços

Móveis de Sala e Quarto — Móveis de cozinha por elementos e outros — Papéis pintados — Relógios antigos — Alcatifas, Carpetes, Tapetes, Pavimentos nacionais e estrangeiros — Maples — Candeeiros nacionais e estrangeiros — Electrodomésticos — Colchões — Almofadas — Adornos — Alcatifas estrangeiras de pelo rapado, etc.

Pessoal especializado em decorações e colocações de:
Papéis — Alcatifas — Pavimentos

ENTREGAS
AO DOMICÍLIO

fabricantes

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

★

LUSO-CELULOIDE

DE

HENRIQUES & IRMÃO, L. DA

★

APARTADO 22 — TELEFONE, 922193

ESPINHO

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

hotelaria

Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

PRAIA DA SECA — ESPINHO
TELEF. 921322 — APARTADO 80

GRANDE FESTIVAL DE MARISCOS
Com vista panorâmica para o Mar

Pratos especiais:

BACALHAU A CABANA
COSTELETAS A ALENTEJANA
TORNADO A AMERICANA
ARROZ DE MARISCO

A nova Gerência agradece a sua visita

Aos domingos e feriados,

matiné dançantes

advogados

FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS

Advogados

Rua 11 n.º 877—Telef. 922210
ESPINHO

médicos**Agostinho Pedrosa**

MÉDICO ESPECIALISTA
EM DOENÇAS DA CRIANÇA

CONSULTAS: As 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras

MARCAÇÕES: Desde as 15 horas

CONSULTÓRIO: R. 19 n.º 343-1.ª sala-B
Telef. 920634

RESIDENCIA: Telef. 9620795

DR. CARLOS PEREIRA

DOENÇAS DOS OLHOS

Médico especialista do Serviço
de Oftalmologia
do H. G. de St.º António

Consultas:

Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º-D.
Telef. 380458 PORTO

às 3.ª, 4.ª e 5.ª feiras

Rua 19 n.º 364-1.º-E.

Telef. 921218 ESPINHO

às 2.ª e 6.ª feiras

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de
Paris, doenças das senhoras,
clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO

Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

tratamentos

**CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**

Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:

das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922392

Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Frente à Igreja

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

«DE» — EXPEDIENTE:

2.ª a 6.ª — 14,30 às 19,30 horas
Sábados — 9,30 às 12,30 horas

Divulgue "DE"

FÁBRICA HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

Injecção — Compressão — Extorsão
— Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

«HÉRCULES»

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

PASSA-SE CABELEIREIRO

No centro de Ovar, muito bonito,
bom negócio.

Falar na Rua do Carril, n.º 12
em Ovar. Telef. 53403

MATEMÁTICA E FÍSICA

DÃO-SE EXPLICAÇÕES
CONTACTAR PELO
TELEF. 920069
OU NA RUA 33 N.º 453
ESPINHO

OFERECE-SE

EMPREGADA PARA DAR DIAS
DE COSTURA

FALAR:
TELEFONE N.º 921644

TRESPASSA-SE

RESTAURANTE SNACK-BAR
«MANUEL DA ESPLANADA»

NA AVENIDA 8 DESTA CIDADE

TRATAR DIRECTAMENTE PELOS

TELEFONES: 920535 - 920093 p. f.

«O ZUMBIDO DO BESOURO» E «DISTO & DAQUILO»

Por razões relacionadas com uma fase de reestruturação interna do nosso Jornal, em vários aspectos, serão suspensos, por agora temporariamente, os dois suplementos periódicos em epigrafe, que se vinham publicando desde há alguns meses.

DESPORTO

DEIXEM-ME ENTRAR...

NÃO! NÃO! NÃO!

É verdade! Pergunta e resposta, lamentavelmente inseparáveis e já vem do tempo em que usufruíamos tenra idade. Palavra que, também nós, não gostávamos de ouvir idêntica resposta. Já nos vedavam a entrada. Já nos respondiam atrozmente. Já nos vedavam o acesso a que tínhamos direito! O nosso ardil era insuficiente, para entrarmos nos pavilhões e recintos desportivos, para assistirmos aos espectáculos que lá se desenrolavam. Hoje, as crianças, dos 10 aos 14 anos, ainda(!) por tudo isto passam.

NÃO GOSTAMOS, de ver à porta dos pavilhões e recintos desportivos, as crianças amontoadas, à espera da benevolência, a pedirem clemência... e a ouvirem a crónica resposta do porteiro.

NÃO GOSTAMOS, de chegar às bilheteiras, e ouvir dizer que não há bilhetes para elas — estão sempre esgotados(!!!) — sabendo-se, à priori, quanto a sua curiosidade e o seu interesse, as leva a querer ter acesso aos espectáculos desportivos.

NÃO GOSTAMOS, de ver os agentes da autoridade impôr a força, às mais persistentes, para as afastar dos referidos portões de acesso, onde comecem a tornar-se um estorvo, como facilmente se conclui.

NÃO GOSTAMOS, que as federações respectivas, não emitam, ao menos, séries de bilhetes, em abundância, a preço compatível e acessível, para crianças. Porquê? Responda quem souber!

NÃO GOSTAMOS, que elas não tenham o seu próprio lugar dentro dos recintos desportivos, como noutros países do nosso continente. Elas, remetem-se aos apertos, aos empurres, à má educação, por força das circunstâncias.

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO

(Continuação da pág. 2)

finalidade explicativa de uma crítica positiva e construtiva, justificada, para mais, pelas circunstâncias.

Correcto, sr. Lopo, seria (e apelamos para que faça um esforço e pense com a massa cinzenta), isso sim, continuar a haver aulas e uma delegação de alunos fazer-se representar na derradeira homenagem ao seu mestre. Seria essa a melhor homenagem que lhe podia ser prestada. Pois, chocante é, sem ponta de dúvida, que tenha havido um feriado geral e a maioria esmagadora dos alunos o tenha aproveitado para tudo, menos para ir ao funeral.

Por fim, quanto a Espinho ser uma cidade civilizada, estamos de acordo, mas, neste caso, não pode ufanar-se desse exemplo piegas que o sr. Lopo empolou, nem, tão pouco, de ter toda a população, menor o articulista, cheia de nobreza de sentimento e respeito pelos educadores.

Desiluda-se sr. Lopo, pois houve muita gente, mas muita, de acordo com o artigo, pois o realismo é uma coisa e a sua poesia outra diferente.

proporciona. Elas, não sabem fazer manifestações. Elas, não sabem organizar, não têm ainda consciência de classe. Fazemos nós neste caso, a defesa dos seus legítimos interesses e direitos, como cidadãos e defensores que somos, do direito às competições desportivas. Preparemos um futuro desportivo, melhor, diferente, bem diferente, daquele que nos prepararam, fazendo com que as crianças deixem de ser eternamente minoradas pelos adultos e tenham acesso de facto às competições desportivas, que são para si um dos poucos estimulantes para conhecer o desporto — a vida. QUEM QUER DAR O EXEMPLO?

Saiamos do ridículo. É vergonhoso, ELAS passam por pedir uma esmola, quando afinal fazem jus a um direito. Basta!

JOSÉ MANUEL MAIA

«Placard» de Resultados

HÓQUEI EM PATINS

INFANTIS

AAE — Valongo 10-2

VOLEIBOL

INICIADOS

AAE — Esmoriz 3-2

JUNIORES

N'Alvares — SCE 0-3
SCE — Esmoriz 1-3

SENIORES

Madalena — AAE 3-0
Oliveirense — AAE 3-1
A. A. Coimbra — SCE 0-3
Esmoriz — SCE 3-1

FEMININO

JUNIORES

Liceu Carolina — SCE 3-0

SENIORES

Vila Real — SCE 3-0
Carvalhos — AAE 0-3
SCE — Póvoa 0-3
A. A. Coimbra — AAE 3-2

ANDEBOL DE SETE

SENIORES

SCE — Leixões 25-10

FUTEBOL

INICIADOS

Arouca — SCE 0-3

JUVENIS

SCE — Águeda 3-0

HÓQUEI EM CAMPO

SENIORES

Sport — AAE 2-0

ESTA SEMANA...

APLAUDIMOS

O jovem árbitro espinhense de voleibol, António (Toni) Monteiro da Silva, de 16 anos, jogador juvenil da AAE e que, recentemente, tirou o curso e, no último sábado, apitou o jogo de seniores para o «nacional» da 1.ª divisão entre o Esmoriz e F. C. do Porto, tendo uma estreia, em encontros de tal importância, bastante agradável e a perspectivar que, tendo começado tão difícil missão naquela idade, poderá vir a atingir bom nível, ao serviço de uma causa deveras incompreendida.

REPUDIAMOS

Os assobios e insultos que, no domingo, foram dedicados a Têlé, que, pelo facto, natural e racional, de ter mudado de Clube, deixou de ser o ídolo idolatrado, que os assobiadores e insultantes de agora aplaudiram antigamente e em qualquer circunstância; REPUDIAMOS, também, algumas desnecessárias teatralices do antigo jogador espinhense, como o exagero nitidamente despropositado ao festejar o empate, nada consentâneo com um profissional que ontem era de cá, hoje é de lá e amanhã pode voltar a ser de cá e, portanto, deverá ser comedido e não dar livre curso a determinados ressentimentos, ainda que possa ter razão.

A. TENTOS

VÉRTICE

Por CARLOS SÁRRIA

QUE MELHORIA?

Agora, está muito em voga afirmar-se, em parangonas, através de pavlavreado dito para a imprensa, falada ou escrita, que o aumento disto e daquilo (numa epidemia de endoidecer e tuberculizar as bolsas do povo ao qual se vem prometendo, há quase três anos, uma sociedade equilibrada) se destina a melhorar o sector x ou y.

Por exemplo, numa sociedade que quer ser socialista e, portanto, nas sociedades desse tipo os transportes públicos são extremamente acessíveis, já os utentes dos mesmos sofreram três aumentos, justificados por isto e mais aquilo, bem como no intuito de os tornar aptos, funcionais e a servir, efectivamente, quem deles se tem de utilizar e é uma grande parte do «zé povinho».

Ainda quando, uma vez mais, a nível da CP aumentaram, bem recentemente, com uma percentagem que se sentiu nas bolsas de quem vive do seu trabalho, vieram as promessas (que afinal são moeda corrente de todos os regimes e demagogia esgrimida por quem está no poleiro, nas horas ou alturas convenientes) de que era para melhoria dos serviços.

Gostávamos que os responsáveis pela pasta dos transportes, e comunicações, em vez de andarem de automóvel, e daí para cima, tivessem que, diariamente, servir-se dos combóios tranvias da CP, onde, apesar dos aumentos consecutivos, para a tal melhoria dos serviços, se continua a viajar, muitas vezes, em condições impróprias de seres humanos e, ainda, absolutamente criticáveis, pois, quem paga, e bem, tem o direito de exigir ser devidamente servido, para mais quando lhe vão ao bolso e lhe prometem, em troca, melhorias substanciais.

São combóios que não têm aquecimento; são combóios em que se viaja como sardinha na lata e nalguns, só falta, como no «metro» japonês, haver funcionários para empurrar os utentes até serem encaixotados na caruagem; são atrasos incompreensíveis; são horários também incompreensíveis, desfasados com as realidades dos utentes aos quais deveriam servir na realidade.

Chegamos a acreditar que a CP iria melhorar e mudar, mas essa ideia esvaiu-se, porquanto, apesar dos anos passarem, continuamos a não ver que se façam inquéritos, «in loco» junto dos utentes, para, ali se saber quais as conveniências, os problemas, o que está bem, quanto está mal, as sugestões e os alvitre, tudo isso capaz de ajudar a encontrar-se o caminho acertado.

Claro, apesar da CP ser um serviço público e estar ao serviço (ou devia estar?) do povo, do povo que mais ordena, mas quem ordena são os mandantes de lá e o «zé» paga, bufa e fia-se em promessas, suportando as agruras e sendo mal servido.

Pena é, repetimos, que os responsáveis pela pasta dos transportes e comunicações não tenham de andar, também, nos combóios. Se tivessem, certamente que já se teriam tomado providências, mas, ao menos, mandem verificar quanto se passa.

Não basta tornar os transportes mais caros e prometer melhorias. É preciso, efectivamente, que elas apareçam e não, pelo contrário, que continue tudo com dantes. E isso podem testemunhá-lo milhares de utentes que, diariamente, têm de utilizar, por exemplo, os combóios entre Espinho-Porto e vice-versa.

Duvida-se?

Quem quiser pode experimentar, e depois digam se é, ou não, assim.

HÁ AINDA JOVENS QUE DESEJAM SER HOMENS

Enquanto tantos jovens se perdem fresloucados com a droga (e tantas coisas mais perniciosas), outros pedem que se lhes fale dos problemas que hoje nos afectam, e querem melhor conhecer o Cristo Ressuscitado, o HO-MEM - DEUS dum Mundo Novo.

Querem saber por onde caminhar com mais segurança e exactidão, e dizem-se cansados e desacreditados dos homens, dos homens que para eles prepararam todo um caminho torpe, impregnado das maiores injustiças, da maior falta de humanidade.

Eles querem saber (e como isso é bom!) donde vieram, para que vieram e qual o seu fim. E acusam os que os precederam e dificultaram caminhos, tornando-os mais confusos, porque mais divididos e ensombrados.

Gostariam que os seus pais fossem mais camaradas e mais francos, e pudessem falar-lhes, com a maior abertura, de tantas das suas incertezas, do muito que os preocupa.

Não querem caminhar ao acaso, nem querem caminhos que mais os confundam, que mais possam levá-los para o descrédito. São estes, os jovens que desejam ser Homens, os jovens que pedem ajuda.

Terão os mais velhos, os que lutam por um mundo mais digno e mais humano, «campo» bem vasto para o trabalho, para a luta.

É necessário que vão a todas as Escolas, a todos os Liceus, que vão, até, às Universidades, e lhes levem o que eles sinceramente procuram.

Esses jovens ficar-lhes-ão gratos, e todos nós mais felizes, porque poderemos, então, esperar uma sociedade mais justa e mais humana.

LALA

OBJECTIVO ①

Lá na nossa esplanada, salão de visitas dominical, o passeio, a partir da Rua 23 e pelo menos, até à 27, quando chove fica com diversas piscinas e torna-se quase intransitável para quem o procura como picadeiro. Uma terra como Espinho, essencialmente de turismo, tem de saber receber os seus visitantes e, conseqüentemente, numa zona como aquela, não é crível permitir-se um passeio em tal estado, além de que, mais para sul, tem brechas a requererem cimento, porquanto são propícias a quedas e não só.

JANELA VERDE

Por A. TAVARES D'ALMEIDA

Já li por várias vezes neste jornal acerba crítica à centralização das principais repartições e lojas de consumo obrigatório. O facto lembrá-me, efectivamente, certas aldeias, onde junto da Igreja, no «arraial», se localizam os bens de consumo e o próprio barbeiro da terrinha.

O público, por mal dos seus pecados, tem de caminhar, por vezes quilómetros, para se abastecer e ouvir a tradicional missa dominical, concentrando-se em grupos mais ou menos numerosos, no «arraial», onde falam do visinho que estreou um rico par de botas e, por isso, lhe chamam já burguês, que é uma palavra actualizada.

Pois, em Espinho, mentalidades subdesenvolvidas, concentram na Rua 19 (melhor era crismá-la de Rua das Boticas), as principais repartições, farmácias, bancos, correios, caixa geral, consultórios principais, câmara, etc.

Ali, nessa artéria, que foi e será o local privilegiado, a sala de visitas, como no vulgo lhe chamam, terá de se possuir um piso bem asfaltado, uns passeios bem pavimentados e uma iluminação à altura do grande centro que é, onde, também, de quando em vez, pela quadra natalícia, há ornamentações e música.

Não está em causa se parte desses melhoramentos se devem aos mesmos comerciantes, que, afinal, pela força das circunstâncias, «comem» o melhor do bolo. O que é certo é que Espinho não é só a Rua 19, onde de 50 em 50 metros há uma farmácia, os Bancos e a Caixa Geral de Depósitos se situam quase defronte uns aos outros (com receio dos assaltos), um mini-correio impotente para o super movimento de utentes, um edifício camarário que engloba Finanças, Registo Civil, Junta de Freguesia, etc.

Na zona norte — possivelmente a mais equilibrada, pois aprecia-se um surto de edificações — dispõe-se de razoável comércio e existe uma farmácia a servir a população.

No sector sul, o desfazamento é completo, ouvindo-se dizer, a cada passo, e em tom irónico, mas cheio de lógica, «vou a Espinho», «venho de Espinho», pois esse Espinho que dista, apenas, cerca de dois quilómetros, na «Rua das Boticas» é o sítio onde há aquilo que falta nas outras zonas, como já citei.

Hão-de dizer alguns senhores, que se vê mesmo que «este» é de lá dessas bandas. Pois não se enganaram, mas, também, lhes garanto imparcialidade e democracia, como usa dizer-se, pois está em causa única e simplesmente o desenvolvimento de toda uma localidade.

Efectivamente, na zona sul da cidade, há crescente índice demográfico, através da louvável iniciativa da I.I.I. — Investimentos Industriais e Imobiliários, que desbravando terrenos de certo modo agrestes, ergueu 6 imponentes blocos habitacionais, com res-do-chão e 4 andares, dispondo, por influência da Administração, de um magnífico supermercado, de um parque infantil onde as crianças brincam, despreocupadamente, nos baloiços ou jogando a bola, anomalia esta que se verifica a nível da cidade, em todas as restantes zonas, onde as crianças não possuem os mesmos meios indispensáveis à expansão de toda a sua irrequietude.

Ali vivem mais de 100 famílias, num perfeito isolamento, numa total marginalização, como agora se diz. Não existe uma cabine telefónica, um receptáculo postal, uma subestação dos C.T.T. para cobrir até o vasto parque industrial que para aquelas bandas se localiza, enfim, um total desfazamento do ritmo progressivo e essencial de Espinho.

Há que notar que as famílias que menciono, referem-se precisamente ao chamado bairro «Corfi», não contando com a restante população da zona e, também, do populoso bairro da «Mata» que fica a dois passos. Reparem só e faça cada um o juízo que quiser: adoece uma pessoa no bairro da «Mata» e necessita de adquirir medicamentos, mas, por azar seu, a farmácia de serviço, nesse dia, é exactamente a Grande Farmácia, lá nos confins norte de Espinho. Quanto tempo necessita uma alma samaritana, cheia de boas intenções, para efectuar o trajecto em dias invernosos? Bem morre, quem estiver nessas circunstâncias, como se adivinha!

Os terrenos que marginam o complexo habitacional, encontra-se num abandono incrível e a construção civil parece estar totalmente divorciada da zona, muito embora existam terrenos com magnífica localização à espera de melhores dias: a Rua 39 é das únicas que ainda se encontra por calcetar; a iluminação bastante dispersa, peca igualmente pela falta de potência e, volta e meia, surgem arrelhiadoras avarias; muros semi-destruídos e quintais onde o lixo prolifera e o garotio explora na sua cândida inocência. Enfim, um manancial de protestos, um câro de lamentações a pedir imediato reparo e mais ampla visão para uma zona que pretende sair do impasse a que está votada, pedindo e aguardando a descentralização dos poderes públicos e uma maior e efectiva colaboração das autarquias, no que concerne ao seu desenvolvimento.

TEMAS ECONÓMICOS

Por VALDEMAR RIBEIRO

Pediu, no princípio deste século, emprego num jornal de Lisboa um rapaz que, anos depois, viria a ser um dos «grandes» da literatura portuguesa.

O encarregado da admissão, depois de conversar com o candidato, e como ele tinha saído do Seminário, pediu-lhe que, a título experimental, redigisse um artigo para o jornal, provando a existência de Deus.

O aspirante a jornalista fez o artigo, e de tal forma provou a existência de Deus que o encarregado da admissão lhe fez a pergunta: — Como é que o senhor, que prova, numa forma tão cabal, a existência de Deus foi expulso do Seminário? Resposta do aspirante a jornalista: — É que eu também sou capaz de fazer outro a provar a não existência.

Posto isto, quero dizer que nada me move contra a Igreja, pelo contrário reconheço que neste país foi, e é continuará a ser uma das poucas organizações que tem permitido a revelação de valores que, sem o seu auxílio, não teriam passado da vil tristeza. Os casos são por demais conhecidos, quer a nível nacional, quer a nível local para que tenha de os estar a enumerar.

Vem isto a propósito de me ter sido lançado o repto de escrever algo para a «DE», jornal que quer continuar aberto a todas as correntes de opinião. Desde já quero

dizer que não sou capaz de fazer o tal artigo pró e outro contra. O que eu escrever retratará o meu pensamento sobre o assunto.

Passando em revista as minhas possibilidades de tempo e de conhecimentos acho que a minha colaboração poderá caber dentro dum ramo que não tem sido tratado, neste jornal e neste país, com o cuidado que merece. Assim, irei escrever algo sobre economia, procurando sensibilizar as pessoas para o problema número um que este país enfrenta e do qual dependerá a sua continuação como Nação independente.

Devo dizer que não virei defender teorias económicas que postas à prova ainda não deram a felicidade a nenhum povo.

Acredito na livre iniciativa, com controle fiscal do Estado e que rende mais o trabalhador participante do que aquele que se deixa comandar por forças que não defendem, propriamente, os interesses do trabalhador, como apregoam.

Assim, em próximo artigo, que este foi de apresentação, escreverei sobre o tema: — PORQUE SOBEM OS PREÇOS?



TEMPO DE MEDITAÇÃO

DIA DA PAZ

«A vida é o vértice da Paz. Se a lógica do nosso operar partir da sacralidade da Vida, a guerra, como meio normal e habitual para fazer manter o direito e conseqüentemente a Paz, fica virtualmente desqualificada. A Paz outra coisa não é senão o triunfo incontestável do direito e, por fim, a ditosa celebração da Vida.»

Onde a violência se enfurece acaba a verdadeira Paz. Ao passo que onde os direitos do homem são realmente professados e publicamente reconhecidos e defendidos, aí a Paz torna-se a atmosfera agradável e operosa da convivência social.»

(Dos jornais)

Mensagem de PAULO VI



SEMANÁRIO

PORTE PAGO

Câmara Municipal do Espinho
Rua - 19
ESPINHO